

LEITURA REFLEXIVA: MOBILIZAÇÃO PELA PRIMEIRA INFÂNCIA

#PARTICIPACRIANCACARIOCA

Muitas coisas que precisamos pode esperar; a criança não.

[...] Para ela não podemos dizer amanhã. Seu nome é hoje.

Gabriela Mistral

Aos profissionais da Educação Infantil,

O mês de março é muito importante para o campo da Primeira Infância. No Brasil, tivemos promulgado em 08 de março de 2016, a Lei 13.257/2016 que institui o **Marco Legal para Primeira Infância**. Nesse sentido, a Gerência de Intersectorialidade convida todos os profissionais que atendem a Educação Infantil, a realizar um movimento de protagonismo da participação infantil, nas tomadas de decisão da sua instituição, entendendo essa participação não como uma concessão, privilégio, mas sim como um direito. E um direito inegociável!



O atendimento aos direitos fundamentais das crianças é um movimento primordial aos equipamentos que atendem a Primeira Infância e, nesse aspecto, as escolas de Educação Infantil precisam promover esse engajamento. Sabemos que nossa proposta não é uma tarefa fácil, pois implica inquietar-se, implica “sair desse contexto e olhar com olhos de estranhamento”. Significa refletir sobre as nossas “certezas” e perceber que, talvez, elas não sejam tão certas assim. Significa atentar-se para dentro e fora da instituição, num compromisso inegociável com as infâncias. E vai além, significa olhar para o nosso próprio percurso formativo, nossas construções e desconstruções e encontrar práticas e fazeres que interrogam nossa docência.

Para esta mobilização, prevista na Circular **E/SUBE/CPI/GIN nº 02**, compartilhamos algumas reflexões e possibilidades para esses dias, como ponto de partida, de pensarmos as crianças em movimentos de participação. Mas, o quem vem a ser participação? Apenas uma ideia de protagonismo num espaço ou provocar o outro a



pensar sobre espaço? Diz-nos Bordenave (1994), “a participação é uma necessidade humana e, por conseguinte, constitui um direito das pessoas.”

Vamos lembrar e apreciar o podcast das crianças da turma de pré-escola do **EDI 01.07.802 Morro dos Telégrafos**? Esse material é um desdobramento da Semana da Educação Infantil de 2021 e foi um projeto coordenado pela **Professora Isabela Vique** que, em parceria com as crianças, num movimento de escuta sensível, alterou o seu planejamento e a fez pensar – e problematizar – suas concepções e atuação com as crianças. Seria este um movimento de participação?

Para saber mais, aponte seu celular para o QR-Code e aprecie a série de podcast da turma do EDI Morro dos Telégrafos:



O QUE PODE UMA CRIANÇA?

A intenção da Gerência de Intersetorialidade é que as vozes das crianças sejam ouvidas, e acolhidas, no seu sentido mais pleno, tornando sua participação efetiva no planejamento da instituição. O autor Walter Kohan (2007) nos pergunta sobre “*O que pode uma criança?*” nos convidando a refletir sobre os processos que precisamos vivenciar, entendendo que pouco perguntamos sobre o que pode uma criança. Nesse sentido, a pretensão da GIN é a contextualização das práticas pedagógicas que convidam as crianças a pensarem: “Qual a nossa escola dos sonhos?” “O que é um sonho?”. Que tal apreciar o material o QR-Code abaixo? É uma ação do CMDCA-Rio, em parceria com SME, no sentido de vislumbrar os sonhos das crianças. Sonhos esses que não são apenas no futuro, mas também no presente, pois criança é um sujeito do tempo presente, com desejos e sentimentos no ‘hoje’.



Deste modo, o convite é na produção de conhecimentos, incentivando as crianças a pensarem sobre a escola, bem como as temáticas que as envolvem e, assim, desenvolverem ações de participação infantil com a perspectiva de ocasionar o impacto



na instituição e isso se reverbera em ações nos territórios, promovendo estes como “territórios das infâncias”.

Você conhece o material “**Mapeamento afetivo**”? Este material versa sobre um movimento de participação infantil para que Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro pense seu planejamento estratégico em diálogo com as crianças. Contudo, e as crianças da Educação Infantil? Podemos inseri-las neste movimento de pensar a escola, o que elas desejam para este espaço habitado por elas? O que este espaço - escola – tem a ver com o território que a mesma está inserida? As crianças podem falar sobre esses assuntos? Devemos ouvi-las e acolher suas narrativas para planejar e tomar decisões?

Saiba mais:

<https://storymaps.arcgis.com/stories/536e22e264234e518a9d9f8891475315>

Neste aspecto, sugerimos um roteiro para mobilização da Primeira Infância, entendendo o mês de março como um grande potencializador deste percurso. Tal roteiro não deve ser percebido como um movimento de ‘perguntas x respostas’ nos quais adultos e crianças o executam de modo estanque, mas sim, **uma conversa leve, intencional, planejada**. Que tal, por exemplo, criar rodas de conversa com as crianças? Ou sugerir que construam uma história coletiva a partir deste roteiro? O roteiro em anexo é apenas um documento disparador de pistas de como todos os profissionais da Educação Infantil podem – e devem - se envolver no processo educativo de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Como essas relações precisam ser vivas, e vividas, no cotidiano da escola. Como é primordial ouvir as crianças para pensarmos nas tomadas de decisões para compra de um material, para realização de um projeto pedagógico ou, ainda, para reorganização dos espaços, por exemplo. A partir de situações que o professor traz em sua prática, planejada e intencional, articulando os processos de escuta, a partir do trabalho proposto, as atividades em rodas de conversa, histórias e/ou notícias, podem colaborar para o surgimento de uma situação-problema que será negociada com as crianças. Uma vez escolhido o tema, é preciso que o professor fomente, com as crianças, questões a respeito do tema: “*o que vamos investigar?*”; “*o que sabemos da escola?*”; “*o que desejamos saber?*”; “*para que queremos conhecer?*”, “*que caminhos trilharemos nessa investigação?*”. A partir dessas indagações o professor poderá trazer um índice para o projeto e, a partir desse ponto de partida, é possível vislumbrar uma teia de possibilidades que poderá ser ampliada.

MAS, E OS BEBÊS, E AS CRIANÇAS PEQUENAS?

A narrativa verbal é uma linguagem primordial ao ser humano e, ao falarmos em escuta sensível estamos sempre pensando no movimento ‘falar X ouvir’, aliado aos

órgãos dos sentidos. Sendo assim, envolver os bebês em processos de participação significa:

- Perceber os gestos produzidos pelos bebês cotidianamente;
- Observar suas interações e potencializá-las;
- Promover o desafio dos bebês explorarem diferentes espaços da Creche, sempre com cuidado, planejamento e intencionalidade;
- Realizar a observação e registro dos percursos nos espaços;
- Desemperadar os bebês da sala de referência.

E pensar numa perspectiva de escuta sensível com bebês e crianças bem pequenas não é uma tarefa fácil. Requer estar disponível e atenta às diversas linguagens que bebês e crianças pequenas produzem, e compartilham, todos os dias, em diferentes espaços, inclusive nos espaços da escola. Para tanto, um olhar dedicado de professoras e professores às potencialidades deles é primordial. Requer também compreendermos, que esta postura docente, é construída e desconstruída todos os dias, no encontro com as crianças. Significa nos aprofundarmos teoricamente, compartilhar saberes e possibilidades com nossos pares, com as famílias e com as próprias crianças. Significa repensar nosso projeto político pedagógico, nossa reorganização curricular, nosso planejamento a curto, médio e longo prazos.

E QUAL O CAMINHO?

O caminho proposto pela Gerência de Intersetorialidade é pensarmos numa atuação coletiva, reflexiva. Para tanto, alguns pontos são fundamentais:

- Repensar o significado da participação dos diferentes atores nos caminhos da escola;
- Recuperar a dimensão coletiva do projeto político pedagógico;
- Refletir sobre as potencialidades, vulnerabilidades e repercussões em sala, junto às crianças.



Diante disso, convidamos você à reflexão:

- 
- ✓ O que nós, adultos, somos capazes de ouvir daquilo que dizem as crianças?
 - ✓ O que produzimos no diálogo com elas?
 - ✓ Dialogamos com o diferente, com sua diferença?
 - ✓ O que conseguimos produzir na escola evidencia estarem as crianças sendo ouvidas?
 - ✓ De que modo as tornamos parte da dinâmica escolar?
 - ✓ Como as crianças veem a escola? E como nela se veem?

AS CRIANÇAS SÃO CONCEBIDAS COMO PARTICIPANTES OU, SOMENTE, COMO DESTINATÁRIAS?

Esta pergunta nos inquieta, não é mesmo? É uma convocação a refletirmos e avaliarmos nosso fazer docente diário. Sendo assim, por onde começar? Que tal iniciarmos pelas **assembleias estudantis**? Momentos organizados pelas crianças, e mediados pelos adultos, para debate de questões relevantes para elas, ou pontos solicitados pelos professores, por exemplo. E como isso acontece na prática?

- **A partir do plano de gestão elaborado pela equipe gestora:** as crianças opinaram sobre ele? Trouxeram questões? Fizeram inferências? Relacionaram às suas demandas? A equipe gestora o ressignificou acolhendo as questões trazidas pelas crianças?
- **A partir do próprio cotidiano da sala de referência:** as crianças participam compartilhando seus conhecimentos prévios? Planejam coletivamente o que querem aprender? Traçam estratégias coletivas para esse alcance?
- **Na reunião de responsáveis:** as crianças participam desse planejamento? O que querem comunicar às famílias sobre esse percurso?
- **Algumas sugestões para abordagem com outras equipes da UE:** Lembramos que a interação das crianças, com esses profissionais, devem ser mediada pelo(s) professor(es) da turma, num movimento planejado e intencional.



Para continuar a discussão aqui, ali, acolá ...



[...]”Quem sabe possamos encontrar um novo início para outra ontologia e outra política da infância naquela que já não busca normatizar o tipo ideal ao qual uma criança deva se conformar, ou o tipo de sociedade que uma criança tem de construir, mas que busca promover, desencadear, estimular nas crianças e em nós mesmos essas intensidades criadoras, disruptoras, revolucionárias, que só podem surgir da abertura de espaço, no encontro entre o novo e o velho, entre uma criança e um adulto.” (KOHAN, 2007, p.97)

REFERÊNCIAS:

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é participação?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BRASIL. *Lei nº 13.257*, de 08 de março de 2016. Estabelece princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância. Diário Oficial da República Federativa do Brasil,

Presidência da República, 09 mar. 2016a. Brasília, DF: MEC/SEB, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 07 mar. 2022.

KOHAN, W.O. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Tradução Jorge Andrade. Instituto Piaget. Lisboa, 1988.

Para saber mais...

[Posso Falar? - Participação Infantil e Garantia de Direitos](#)





[Memórias da infância – Ocupação Lydia Hortélio \(2019\)](#)

[Querido Instituto Alana](#)





[Um novo mundo – Ocupação Lydia Hortélio \(2019\)](#)

Aponte sua câmera no QR-Code e tenha acesso ao texto: **“EXERCÍCIOS DE ESCUTA: AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DIÁLOGO COM CRIANÇAS NO COTIDIANO ESCOLAR”** de Maria Teresa Esteban.

